

O ESTATUTO DA METÁFORA SEGUNDO MERLEAU-PONTY

10.62506/phs.v6i2.239

The Statute of Metaphor from Merleau-Ponty

CRISTIANO PERIUS*

El Estatuto de la Metáfora según Merleau-Ponty

Resumo: No capítulo Interrogação e Intuição, publicado em “O Visível e o invisível”, Merleau-Ponty diz que a linguagem é um paradoxo, pois, de um lado, proíbe a coincidência, a simpatia absoluta com os objetos, uma vez que, se esta linguagem fosse possível, seria muda, isto é, reduzida ao silêncio; por outro lado, se é verdade que não há linguagem pura, adâmica, diamantina, é fato que poetas e escritores descobrem, por meio das metáforas, uma linguagem apta a falar do mundo. Há, no interior da linguagem, um papel reservado para a metáfora que opera o sentido irônico. Este estudo visa acompanhar este paradoxo tal como Merleau-Ponty no-lo apresenta em “O Visível e o invisível” e nas “Notas sobre o curso A origem da geometria de Husserl”. Neste curso, Merleau-Ponty insiste sobre o conceito de “diferença” ou “desvio de nível” (écart). O conceito de desvio é fundamental para a articulação entre a fenomenologia da expressão e a ontologia do sensível e representa uma novidade fortemente presente nos cursos de Merleau-Ponty no Collège de France na década de 1950. A linguagem deve ser compreendida a partir do uso de metáforas operantes, isto é, a partir do desvio de nível entre a fala falada e a fala falante. A operação da metáfora é representativa da aurora da linguagem e está fundada sobre o campo do sensível. Merleau-Ponty critica a evidência das afirmações científicas e as idéias do entendimento em nome da opacidade do sensível que se revela na operação metafórica. A conclusão do artigo apresenta a relação entre a metáfora e a linguagem indireta.
Palavras-chave: Merleau-Ponty; Linguagem; Metáfora.

Abstract: In the chapter Interrogation and Intuition, published in “The Visible and the Invisible”, Merleau-Ponty says that language is a paradox because, on the one hand, it forbids coincidence, absolute sympathy with objects, since, if this language were possible, it would be mute, that is, reduced to silence; on the other hand, while it is true that there is no pure, adamic, diamond language, it is a fact that poets and writers discover, through metaphors, a language capable of speaking about the world. Within language, there is a role reserved for metaphor, which produces ironic meaning. This study aims to follow this paradox as Merleau-Ponty presents it to us in “The Visible and the Invisible” and in “Notes on Husserl’s course The Origin of Geometry”. In this course, Merleau-Ponty insists on the concept of “difference” or “deviation of level” (fr. écart). The concept of deviation is fundamental to the articulation between the phenomenology of expression and the ontology of the sensible and represents a novelty present in Merleau-Ponty’s courses at the Collège de France in the 1950s. Language must be understood from the point of view of the use of operative metaphors, in other words, from the deviation in level between spoken speech and speaking speech. The operation of metaphor is representative of the beginning of language and is founded on the field of the sensible. Merleau-Ponty criticizes the evidence of scientific statements and the ideas in the name of the opacity of the sensible that is revealed in the metaphorical operation. The conclusion of the article presents the relationship between metaphor and indirect language.

Keywords: Merleau-Ponty; Language; Metaphor.

Resumen: En el capítulo Interrogación e intuición, publicado en “Lo visible y lo invisible”, Merleau-Ponty dice que el lenguaje es una paradoja, ya que, por un lado, prohíbe la coincidencia, la simpatía absoluta con los objetos, ya que, si este lenguaje fuera posible, sería mudo, es decir, reducido al silencio; por otra parte, si es cierto que no existe un lenguaje puro, adámico, diamantino, es un hecho que poetas y escritores descubren, a través de metáforas, un lenguaje capaz de hablar del mundo. Hay, dentro del lenguaje, un papel reservado a la metáfora que opera el significado irónico. Este estudio pretende seguir esta paradoja tal como nos la presenta Merleau-Ponty en “Lo visible y lo invisible” y en las “Notas de curso El origen de la geometría de Husserl”. En este curso, Merleau-Ponty insiste en el concepto de “diferencia” o “desviación de nivel” (fr. écart). El concepto de desviación es fundamental para la articulación entre la fenomenología de la expresión y la ontología de lo sensible y representa una novedad fuertemente presente en los cursos de Merleau-Ponty en el Collège de France en los años cincuenta. El lenguaje debe entenderse mediante el uso de metáforas operativas, es decir, basado en la desviación de nivel entre el habla hablante y el habla hablada. La operación de la metáfora es representativa de los albores del lenguaje y se fundamenta en el campo de lo sensible. Merleau-Ponty critica la evidencia de los enunciados científicos y de las ideas en nombre de la opacidad de lo sensible que se revela en la operación metafórica. La conclusión del artículo presenta la relación entre metáfora y lenguaje indirecta.
Palabras-clave: Merleau-Ponty; Metáfora; Lenguaje.

* Pesquisador Colaborador na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto (FFCLRP), Email: cristianoperius@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3740-2225>



No capítulo *Interrogação e intuição*, de “O Visível e o invisível”, Merleau-Ponty afirma que a linguagem é autônoma o suficiente para impedir a coincidência tanto de mim para comigo, no que diz respeito à lembrança do passado, quanto de mim para com o mundo, no que diz respeito ao contato com as coisas:

Se sonharmos reencontrar o mundo natural ou o tempo por coincidência, ser identicamente o ponto 0, que vemos lá, ou a lembrança pura que, do fundo de nós mesmos, rege nossas lembranças, a linguagem é uma potência de erro, já que ela corta o tecido contínuo que nos liga vitalmente às coisas e ao passado e se instala entre ele e nós como um anteparo (Merleau-Ponty, 1964, p.166; 1992, p.122)¹

Esta é uma afirmação forte. Precisamos avaliar em que medida a linguagem é uma potência de erro, um obstáculo, uma parede de contenção, um impedimento a toda e qualquer conexão direta seja com o passado, em relação a nós mesmos, seja em geral, em relação ao mundo. É uma questão relevante, pois a linguagem é geralmente vista em sentido inverso, a saber, como o acesso ou o contato com outrem e com as coisas a partir do fenômeno da comunicação.

Ao examinar a questão, percebemos que este bloqueio nada mais é do que a frustração de todo escritor que deseja falar de forma definitiva, causar, com suas palavras, uma reviravolta sobre o mundo, provocando adesão cega e imediata ao que é dito. Como seria admirável esta linguagem adâmica, diamantina, falada pelos anjos... Nas mãos do escritor o sonho de encontrar o talismã da escrita, a palavra vitalícia e infalível. Eis a crença em uma linguagem salvadora ao escritor. De sua boca sai luz!

Ora, para chegar a este ponto seria preciso que o escritor suprimisse toda distância entre ele próprio e o mundo. Seria preciso coincidir com as coisas ou com os objetos a partir de uma linguagem capaz de alcançar a conexão íntima e absoluta. Este é o tipo de linguagem que Merleau-Ponty atribui a Bergson: a linguagem da simpatia, isto é, a identificação total entre o falante e seu objeto. O problema está em que a simpatia é, a rigor, muda, pois, se a coincidência fosse absoluta, só o silêncio exprimiria o outro ser em sua essência total e irrestrita. De fato, segundo Bergson, a metafísica exige uma linguagem intuitiva e, por isso, nem os grandes sábios, nem os místicos, falam muito...

Mas o escritor, longe de recusar a fala, usa e abusa da linguagem para se aproximar da meta. “É preciso crer que a linguagem não é simplesmente o contrário da verdade, o contrário da coincidência, que há ou poderia haver – e é com ela que o escritor sonha – uma linguagem da coincidência, uma maneira de fazer falar as coisas mesmas.” (Merleau-Ponty, 1964, p.167; 1992, p.123) Por isso a atenção que o escritor dispensa com a linguagem não é pequena. É preciso ter cuidado com as palavras. É preciso paciência, dedicação, labor. Então, se o escritor souber ouvir, isto é, colocar-se a serviço da linguagem, deixando-se moldar por ela, o fenômeno da expressão acontece. Este é o paradoxo. Se forçar a linguagem, suas palavras serão tão somente a projeção de sua subjetividade no exterior. Se apagar-se, isto é, souber se colocar em segundo plano, a linguagem leva-o até o sentido próprio da coisa.

Basta tomar também a linguagem no estado vivo ou nascente, com todas as suas referências, as que estão atrás dela, que a vinculam às coisas mudas que ela interpela, e as que ela envia diante dela e que fazem o mundo das coisas ditas – com seu movimento, suas sutilezas, suas inversões, sua vida – que exprime e multiplica por dez a vida das coisas nuas (Merleau-Ponty, 1964, p.167; 1992, p.123).

O que Merleau-Ponty quer dizer nesta passagem é que a linguagem possui diversos níveis ou camadas constitutivas. O sentido conceitual das palavras, definido pelo dicionário lexical, é apenas o primeiro grau, mais manifesto, seguido por relações laterais ou metafóricas que ampliam o arco semântico. Essa ampliação é tão relevante que Merleau-Ponty recorre à matemática para designá-la. Ele usa o verbo “*décupler*”. Em sentido literal: “decuplicar”, isto é, multiplicar por dez. O efeito desta multiplicação é relevante e representa o aumento elevado de sentido. Bem mais do que duplicar, triplicar, quadruplicar, etc, a atividade metafórica eleva a linguagem ao grau máximo. Trata-se de um aumento considerável. Do contrário, sem o aporte das metáforas, a linguagem é empobrecida, esvaziada, sem poder heurístico.

Mas o que a metáfora, como poder de ampliação semântica, significa? Ela significa que a força da linguagem está nas entrelinhas. Nas “Notas sobre o curso *A origem da geometria* de Husserl”, Merleau-Ponty (1998, p.11) afirma: “Lei do escritor, – não compreendida por grande parte do público diante de uma obra nova – o essencial não está dito”. [Em francês: “*l’essentiel n’est pas dit*”] Vê-se aqui a enorme chance do português em razão de sua ambivalência entre os verbos “ser” e “estar”, inexistente em grande parte das línguas. Neste ponto, a tradução em língua portuguesa diz mais e melhor do que o original, pois o verbo estar, diferente do verbo ser, é temporal e indica qualidades momentâneas, ao passo que o verbo ser é identitário e indica qualidades permanentes. Assim, em português, podemos dizer o que outra língua não diz tão claramente, a saber, que o que “é” dito não “está” dito, ou seja, há um grau de ocultamento ou de recuo sobre o ser. “É, mas não está”. Esta diferença é ontológica, pois, para dizer, ou para dizer melhor, é preciso não dizê-lo. O sentido da linguagem vale-se do que é dito necessariamente, mas para revelar o que não diz. O permanente, o essencial, não está dito. Ele aparece através de imagens ambíguas e fugazes, girando em torno de sua reservada emergência. Assim, o que o leitor vê não é o que está na forma explícita do texto. O que ele vê excede em grande medida a natureza

¹ As indicações bibliográficas de “O Visível e o invisível” levam em consideração a edição francesa (Ed. Gallimard, ano 1964), em primeiro lugar, seguida pela edição brasileira (Ed. Perspectiva, ano 1992). As citações seguem a tradução brasileira com algumas correções.



fria das palavras tomadas em si mesmas, ao pé da letra, pois que se abre ao imaginário. O sentido, portanto, transcende as palavras. E é surpreendente. A fala proferida resiste e nega, em primeira mão, mas para entregar o que vai além da matéria aparente.

A função da metáfora é revelar o fundo silencioso e originário de onde parte a significação. Neste sentido, a linguagem não é um fim em si mesmo, mas, apenas um meio, pois tem por pano de fundo a percepção. Merleau-Ponty diz: “Erram as filosofias semânticas ao fecharem a linguagem como se ela não falasse mais do que de si. Não, ela vive apenas do silêncio: tudo que lançamos aos outros germinou neste grande país mundo que não nos abandona.” (Merleau-Ponty 1964, p.167; 1992, p.123) Por filosofias semânticas entenda-se a filosofia analítica, o positivismo lógico, entre outras rubricas que possam se valer da carapuça. Aprendemos com Saussure que a linguagem é autorreferente, o que não quer dizer que vire de costas ao mundo vivido. Em outras palavras, a linguagem é estruturada pelo sistema de signos diacríticos que não fazem referência senão a si mesmos, embora este sistema ao mesmo tempo seja o meio utilizado para exprimir o que é irreduzível.

Ora, irreduzível é a percepção. Sabemos que o mundo da percepção está relacionado ao fenômeno da expressão, mas este nó górdio ou elo intrínseco com a linguagem não apaga o silêncio, as significações mudas, o pré-linguístico. Dito de outro modo, a linguagem é auto-referente e, por isso mesmo, em si mesma aponta, através da metáfora, o que ela não pode dizer. O indizível é uma camada interna ou o horizonte limite da linguagem. Sua sombra irrevogável. Sua referência permanente e necessária. A experiência da fala, assim, anda de mãos dadas com a impossibilidade de uma fala absoluta, por melhor que seja o escritor. Por essa razão, o dito está sempre acompanhado do não dito.

O que fica claro no capítulo de “O Visível e o invisível” que estamos acompanhando, a saber, *Interrogação e intuição*, é que o não dito, a impossibilidade de dizer tudo e o indizível não são índices negativos, ao contrário, são a garantia de uma linguagem que, se é verdade que não atinge o absoluto, tendo sempre que se refazer, é, por isso mesmo, aproximação à distância, deixando o objeto ser ele mesmo sem reduzi-lo a um conjunto de definições abstratas e inteligíveis. Por isso ali Merleau-Ponty diz: “Seria preciso voltar a esta idéia de proximidade pela distância, de intuição como auscultação ou apalpação em espessura, de uma vista que é uma vista de si, torção de si sobre si e que põe em causa a ‘coincidência.’” (Merleau-Ponty, 1964, p.170; 1992, p.125) A espessura não é outra coisa senão a opacidade, o ensombrecimento que oferece resistência à claridade sem, contudo, anular a luz. A linguagem nos oferece uma visada que conserva a distância, a posse impura, aliada à impossibilidade de redução completa ou de coincidência. Toda apreensão da meta possui um ponto de partida, um caminho a ser percorrido, cujo percurso não está dado *a priori*, ao contrário, é efeito de um trajeto que só aparece em exercício ou no ato de percorrê-lo, certo de que a errância não significa o fracasso, mas a visão aproximada e efetiva do objeto.

Nas “Notas sobre o curso *A origem da geometria de Husserl*”, Merleau-Ponty (1998, p.29) afirma que devemos conceber a linguagem a partir do conceito de “diferença” ou “desvio de nível” (*écart*). O conceito de diferença ou de desvio é fundamental para a articulação entre a fenomenologia da expressão e a ontologia do sensível de Merleau-Ponty e representa uma novidade fortemente presente nos cursos do final da década de 1950, sobretudo “O mundo sensível e o mundo da expressão” e “Husserl nos limites da fenomenologia”.

O que este conceito significa? Ele significa que a significação lingüística, assim como a percepção sensível, não se dá de forma direta, pois todos os objetos são visíveis de uma perspectiva variável. Assim como os objetos estão em perspectiva, ou seja, oferecem-se em um campo de fenômenos aberto a novas visadas, também os signos lingüísticos produzem uma significação nova a partir de um sistema instituído. Os signos são os mesmos, mas o sentido é novo, pois usamos as mesmas palavras para dizer algo diferente. Ora, é esta diferença, já contida na linguagem, que Merleau-Ponty leva à ontologia, pois a percepção é incoativa, isto é, sempre recomeça ou renova a visão do mundo, sem a possibilidade de completar-se, ou seja, atingir a visão absoluta.

A perfeição, o absoluto e a coincidência, o ponto 0, são ficções provenientes de projeção e representação de um invariável inteligível que falsamente crê fundar-se na evidência. A linguagem apodíctica, isenta de dúvidas, é efeito desta falsa crença, segundo a qual seria possível eliminar a ambigüidade e atingir a evidência. Dito de outro modo, a evidência e a certeza apodíctica devem ser pensadas a partir da opacidade do sensível, pois a opacidade, bem entendida, não é a obscuridade, mas a resistência do sensível, a variação e a diferença auto-producente da percepção eternamente em curso. Em outras palavras, a idealidade da idéia não é clara em si mesma. Pelo contrário, é uma petição de princípio. Todas as idéias possuem um fundo obscuro, sem o qual não poderiam existir, isto é, dar a ver, pois a visão não é a evidência de um objeto revelado em sua essência ou enteléquia. A visão é uma faculdade perceptiva que exige o olhar como atividade intencional inesgotável.

É por isso que o sentido, nas palavras de Merleau-Ponty (1988, p.29): “só aparece enterrado, escondido, isto é, claro lá”. Merleau-Ponty nos apresenta 3 metáforas nesta afirmação. Metáfora 1: “enterrado”; metáfora 2: “escondido”; metáfora 3: “claro lá”. A linguagem, como evento de operação da diferença ou do desvio de nível (*écart*), deve ser compreendida por meio destas metáforas. A primeira palavra que Merleau-Ponty utiliza é “enterrado” (*enfoui*): a metáfora é espacial e indica sentido profundo, não superficial, subentendido abaixo ou sob as palavras do enunciado; a segunda é “escondido” (*cache*): metáfora espacial, indica sentido oculto, latente, reservado a outro nível ou camada; a terceira: “claro lá” (*clair là-bas*): metáfora espacial e temporal, indica que o sentido é revelado em um ponto afastado de sua origem, além, adiante, depois. Esta metáfora pressupõe o deslocamento espacial (claro não aqui, mas em outro lugar) e temporal (duração de tempo até chegar a este lugar [lá]). Todo sentido verdadeiramente novo pressupõe o devir da expressão, isto é, o tempo que, com suas repetições ligeiramente modificadas, compreende o que é dito. O sentido não se revela de pronto, ao contrário, é nuançado a partir de sua retomada e persistência.



Mas isso não é tudo. O conceito de diferença (*écart*) como mudança de nível, revelação posterior (metáfora temporal) e à distância (metáfora espacial), entende que o sentido não é positivo, isto é, controlado a partir de conhecimentos técnicos. Operadores objetivos – provenientes de uma técnica de manipulação linguística (tal como acontece com a linguagem computacional) – constituem uma forma derivada ou limitada de expressão marcada pelo desejo de controle sobre o material verbal. Ocorre que a linguagem literária, onde está seu componente metafórico mais explícito, o sentido vai além do dado. O dado não é senão o pivô, a base, o apoio para uma freqüentação ilimitada de imagens. Ao evocar o imaginário, o sentido adquire outro nível, mais amplo e profundo. Ora, o conceito de diferença (*écart*) representa esta mudança de patamar, esta abertura ou ampliação em que os signos evocam um conjunto de imagens que funcionam em outra órbita, mais densa e adequada para a expressão do ser.

Nas “Notas sobre o curso *A origem da geometria* de Husserl”, Merleau-Ponty (1998, p.31) diz:

A Stiftung [fundação, criação] não é pensamento possuidor, mas pensamento aberto, não visado e *Vorhabe* [pré-possessão] do centro efetivo, mas ao lado, retificado (...). Impossível haver reativação total. E ainda assim o sentido do precedente passa ao seguinte. Nenhuma reativação se dá à parte (pois todos estão em cada uma como partes totais e podemos pensar a partir da ulterior).

A expressão linguística não ocorre por meio de controle prévio à significação. Ao contrário, de forma espontânea, ainda que não aleatória, o sentido aparece à margem, isto é, nas entrelinhas, anunciando-se de forma tímida e insegura. Dito de outro modo, o sentido aparece informalmente. Do mesmo modo como a visão de um vulto à distância é retificada por uma nova visada, mais próxima e definitiva, assim também a significação é uma aquisição que não é alcançada de chofre, mas, lentamente, por retomada e insistência de dizer algo que permanece sempre a ser dito. Impossível dizer tudo. Mas esta impossibilidade não é uma falha no coração do diamante, pois ao exprimir a parte, o conteúdo parcial porta nele mesmo o devir da expressão que se completará depois, quando for retomado, revisitado, incorporado a um novo conjunto de informações. O sentido não aparece de modo claro, não é evidente, mas se faz visível a partir de um campo que pressupõe preparação, retorno e continuação. Assim, o que não era claro passa a sê-lo depois de retomado, quando adquire a classe de algo estável, isto é, quando incorpora o tecido das significações sedimentadas da cultura.

No texto “A dúvida de Cézanne”, Merleau-Ponty (1984, p.118) afirma: “A expressão do que existe é uma tarefa infinita”. Em razão da dimensão sensível da percepção, o mundo é modificado a partir do retorno às coisas mesmas. Assim, o sentido do real nunca se completa, pois é sempre reaberto pela percepção sensível. A atividade de expressão configura um trabalho de reelaboração que não é total, ou seja, sem lacunas. Ao contrário, ele é barroco, isto é, retocado a partir de pequenas diferenças. Em outras palavras, a linguagem visa o sentido ideal, sem, contudo, esgotá-lo. A idealidade pressupõe o fenômeno da linguagem, sem a qual não pode ser fixada. O fundamento da idealidade não é a idéia, mas a opacidade do sensível como fonte de variação e de diferença ou de desvio (*écart*) em relação às coisas ditas.

Nas “Notas sobre o curso *A origem da geometria* de Husserl”, Merleau-Ponty (1998, p.40) diz: “Os atos de expressão têm duas camadas [*couches*]: sentido ideal e encarnação sensível. Resta saber como a fala tem duas camadas. Elas não estão justapostas. A fala tem *Doppelschichtig* [dupla camada] = ela é um só fenômeno em duas etapas.” Esta afirmação de Merleau-Ponty significa que a idealidade não é a edificação de cognatos inteligíveis à forma de *cogitata*, objetos de pensamento - ativados pela projeção de uma linguagem adequada para as coisas de ponta a ponta. Não são duas cartas, uma para as coisas, outra para a linguagem. Não há correspondência por justaposição dos planos: o plano linguístico, de um lado, e o plano sensível, de outro. O tecido da linguagem contém em si mesmo um conjunto de operações sensíveis. A percepção implica a expressão e a expressão está ligada à percepção de forma inextricável. A fenomenologia da percepção não se completa sem uma fenomenologia da expressão, pois estão ligadas entre si e implicadas na expressão do sentir. O sentido é duplo: corporal e linguístico. Poder-se-ia mesmo dizer, glosando uma famosa asserção kantiana, que “a percepção sem a expressão é cega, e que a expressão sem a percepção é vazia”. Trata-se de um *a priori* de correlação. Há um círculo virtuoso que conecta a percepção e a expressão, embora, como aponta Merleau-Ponty (1998, p.50): “A circularidade é palavra perigosa. Circularidade de Heráclito? Sim, pois ir a um sentido é ir de um lugar a outro. Há aqui uma identidade espessa, contendo certamente a diferença. Homem, linguagem mundo estão emaranhados, *verflochten* [entrelaçados].” Conclui-se disso que a essência do sentir é obra da linguagem, pois em nossa prosa estão as imagens do mundo humano em sua identidade espessa, isto é, profunda. Em outras palavras, o sentir corporal, que a rigor é silencioso, possui dimensionalidade, espessura, profundidade. O silêncio, em sua dimensão profunda, ecoa na linguagem que o afirma insistentemente como paradoxo e desejo de expressão.

É neste momento que a metáfora surge como elemento fundamental. A metáfora é a expressão de um sentimento sem conceito, anterior à separação entre o sujeito e objeto. Não é subjetiva, pois é a imagem ligada ao sentido cativo no objeto ainda sem equivalentes formais do entendimento; e não é objetiva, pois não tem a positividade de um dado comprovado de forma empírica. Merleau-Ponty (1998, p.45) pergunta: “Questão: é pelo horizonte humano que compreendemos a linguagem ou pela linguagem que compreendemos o horizonte humano? Possivelmente não se trata de escolher...” Certamente não se trata de escolher, pois não há clivagem, mas entrelaçamento entre a linguagem e o mundo como fenômeno bidimensional (sensível e linguístico). Por essa razão a metáfora é a forma privilegiada da linguagem, pois é ela que leva em conta a percepção do mundo em sua forma incoativa e latente. Mais ainda, a fala originária é a emergência do silêncio e de significações surdas, não contaminadas pela linguagem constituída.

Nas “Notas sobre o curso *A origem da geometria* de Husserl”, Merleau-Ponty afirma que há dois tipos de ver-



dade. A primeira verdade é lógica, que Merleau-Ponty também chama de verdade de conhecimento, fundada sobre a sedimentação de princípios revelados pela análise técnica de dados objetivos; a segunda, que Merleau-Ponty denomina de verdade filosófica, é definida como elucidação do campo pré-científico onde todo conhecimento se funda. Dupla fundação, portanto. Fundação objetiva, que não leva em conta todos os elementos constitutivos da história das idéias e das ciências, e fundação originária, que se ocupa com a possibilidade das ciências e de si mesma como acontecimento histórico. Assim, a filosofia não se ocupa com os dados objetivos, mas com o campo ou com o horizonte de possibilidade de todo e qualquer objeto, seja ele empírico (objeto real) ou de pensamento (objeto ideal).

Ora, esta análise, válida para a verdade filosófica, que é anterior à verdade objetiva, vale para a linguagem. Merleau-Ponty distingue a fala falante e a fala falada. A primeira é originária e representa o movimento de criação de um sentido novo, ainda não normalizado pela gramática. A segunda é derivada, resultante do controle sobre o material verbal. Representa a manipulação da linguagem a partir do conhecimento prévio e objetivo das palavras. A fala falante, ao contrário, não se reduz ao domínio técnico, sendo, em contraposição a este, abertura, novidade e desvio em relação quadro de significados conhecido. As operações lingüísticas atravessam os dois modelos, mas um deles é mais fundamental do que o outro na medida em que não é uma mera síntese de conteúdos formais, mas uma reflexão radical sobre o surgimento do sentido. A metáfora segue o modelo da ambigüidade, isto é, da indecisão sobre o sentido que continua nela encoberto, sem ser obscuro. É imprecisa, isto é, ambivalente. Não há como regimentar a metáfora, pois ela é variável e intensiva. Escapa à tentativa de controle. Incomensurável, atua fora da medida, não se deixando nivelar pelo conjunto de significações disponíveis. A metáfora ocupa, portanto, um lugar privilegiado no pensamento de Merleau-Ponty, pois não pode ser reduzida a conceitos e configura a dimensão qualitativa da linguagem. Mais ainda, a metáfora representa a aurora da linguagem, isto é, o nascimento da expressão ainda sem forma definitiva. É imagem ou configuração prévia a toda e qualquer forma. Anterior ao conceito ou a definições claras, é proto-forma ou proto-informe de algo a ser dito e que por essa razão será compreendida depois, com o devir da expressão. Toda metáfora começa viva e termina morta, ou seja, com o tempo, pela usura, se desgasta, sendo então incorporada ao léxico do dicionário.

Podemos agora nos conduzir às conclusões deste percurso.

Qual é o estatuto filosófico da metáfora enquanto imagem figurativa do mundo? Com o objetivo de revelar o lugar elevado da metáfora, percebe-se que a tradição filosófica deve reavaliar o grau e passo da metáfora se quiser fazer justiça ao fenômeno lingüístico. A metáfora é um recurso expressivo que leva a linguagem ao estado de potência máxima em razão de sua natureza intensiva. A qualidade da metáfora não é inferior ao caráter discursivo da linguagem, resguardado ao conceito. A divisão clássica entre conceito e metáfora é reavaliada pelo filósofo que considera a literatura de Marcel Proust valiosa por conter “idéias sensíveis”. O trabalho literário deve ser reconhecido entre outras atividades de interesse, pois a representação sensível não é, como deseja Hegel, um grau abaixo, uma forma impura de entendimento, a ser trazida para a generalidade do conceito. Este tipo de impasse se resolve se consideramos as idéias sensíveis da literatura como formas concretas da imaginação. A característica da metáfora é a concretude, ou seja, não sendo abstrata, carrega qualidades imanentes de figuras que fixam a imagem do mundo.

Conclui-se disso que é artificial a separação entre imaginação e reflexão. A faculdade da imaginação não é mais pobre ou deficitária do que entendimento. A arte, além da imaginação, segue a lógica de disposição de meios segundo os fins, ou seja, é constituída por princípios de causalidade nos termos de uma atividade técnica. Assim, o pensamento está na metáfora e a metáfora opera o pensamento sem que possamos separá-los.

Mas isso não é só. A literatura tem um campo de atuação bastante estreito junto à filosofia se quisermos considerar, malgrado a diferença que separa a metáfora do conceito, um grau de intercâmbio. Seria preciso compreender que a ferramenta específica aos domínios – metáfora para a literatura, conceito para a filosofia – não é pura ou transparente. Não é verdade que a filosofia não usa metáforas. Não é verdade, da mesma maneira, que a ciência não usa metáforas. A metáfora não é apenas uma imagem oriunda da imaginação criadora do poeta, pois se reveste de informações cognitivas provenientes da percepção sensível. Esta maneira de tratar do fenômeno literário – tomado a partir da natureza de suas implicações – nos permite considerar que a literatura realiza uma sorte de trabalho incompleto entre a imaginação e o entendimento. A literatura não trabalha por conceitos, mas conjuga imagem e pensamento. A dimensão poética da linguagem, no ponto de vista da fabricação – que o Renascimento chamou de “engenho” – esconde o conceito e revela a imaginação. Enquanto realização concreta de atividade ou de trabalho formativo, é uma produção híbrida, pois se estabelece como certa prática que não é a produção de conceitos do entendimento, mas que possui analogias, lógica interna e princípios formais de composição.

Trata-se de reconhecer que a imaginação não é uma atividade isenta de interesse e de preocupações com a forma do mundo. A imitação, por exemplo, enquanto teoria clássica da imaginação criadora, no que diz respeito a Aristóteles, pensa a imagem artística como verossímil e reservada à criação do mundo possível, mais amplo e aberto do que o mundo real. A concepção do possível, nesse caso, vale mais do que o real, e por uma razão muito simples: a verdade presta contas ao que existe, ao passo que o verossímil transgride as margens do mundo conhecido. A metáfora representa uma transgressão em relação ao conceito de verdade como adequação.

O pressuposto da evidência é o da visão apodíctica e universal. Visão de Deus como pleonasma totalizante da visão da idéia que é a idéia da visão e não a visão em si mesma. Ora, a idéia é tributária da sensibilidade, pois, de fato, não há idéia sem luz. Todavia, a visão encarnada não é evidente, pois se apóia sobre a imagem dos olhos, não da idéia, matriz abstrata da luz. Sensíveis são as coisas visíveis em si mesmas e não subtraídas ao olhar da consciência - operadora de inteligibilidade, isto é, visão do intelecto.

Assim, o que precisamos considerar, na direção de uma filosofia da metáfora, é o que ilumina na literatura,



apesar da clareza do conceito. A evidência não pode ser o único critério para a expressão do mundo. Esta é, como se sabe, a perspectiva cartesiana: o pensamento é o fundamento de si mesmo. Mas a opacidade do mundo exige categorias mais fundamentais do que a evidência. Ora, as relações metafóricas transgridem a lógica ou os princípios formais do entendimento. Ao se valer da analogia, a metáfora se produz à luz da diferença. Merleau-Ponty critica Descartes, pois foi alguém que se colocou diante de falsas dúvidas. Quer dizer que há, na via do filósofo, se for de tipo cartesiano, certa intencionalidade obsessiva que produz a regra mais do que o espírito, o método, mais do que os dados da experiência, o veículo, mais do que o caminho a ser percorrido. De fato, a evidência funda a certeza, mas é o caso perguntar se tem de fato direito a tal direito, uma vez não vem do mundo, mas de si mesma seu pretensão fundamento. A evidência é auto-evidente, isto é, vale apenas para si mesma. Isso é assim porque a evidência do cogito é performativa, ou seja, intuída no pensar, só existe para o pensamento voltado sobre si mesmo².

A evidência permanece fora da metáfora e, no entanto, a metáfora opera a visibilidade. É preciso considerar a capacidade compreensiva da simulação. A relação de similitude ou de similitude pressupõe a diferença. Ao contrário da evidência, a metáfora não exige adequação ou identidade. Por essa razão, é mais abrangente do que o conceito, pois é ambivalente. Não visa à delimitação e a clareza, mas o jogo da imaginação que projeta sobre a imagem a forma ambígua do mundo. Não tem a pretensão de ser verdadeira, mas, verossímil. Não opera a *adequatio rei et intellectus*, mas representa, pelo reconhecimento das imagens, aspectos essenciais ao mundo. Ora, como aponta Michel Guérin (1995, 127): “o real – o que quer que seja isto – quer a metáfora, porque não pode ser dito exatamente”.

O contraste entre a similitude e a identidade pode ser traçado entre o sentido literal e o figurado. A forma literal indica o entendimento correto da significação. A forma figurada provoca um curto-circuito, valendo-se do lado oposto, o reto-verso, o reverso da expressão. Trata-se do “como se” da metáfora, que sempre se oculta sobre o enunciado e sedimenta algo entre as linhas da expressão. O que ocorre é uma transgressão da linguagem, quando, a partir do procedimento direto – a expressão literal –, opera-se uma imagem que aponta para outra coisa, não visível na superfície da fala proferida. A significação não é imediata e é indiretamente reconstituída, em sentido irônico. “Como sempre na arte, mentir para ser verdadeiro, diz Sartre com razão” (Merleau-Ponty, 1960, p.71). A ironia entra em cena porque o sentido literal não comporta a novidade, não ensina a ver o mundo. O sentido literal é pobre de mundo. Ao diminuir-lhe a extensão, ganha a perspectiva de controle, ou seja, a garantia de dar ao mundo um domínio de sentido inteiramente claro e restrito.

Essa exigência metafórica da expressão do ser, que ultrapassa os sentidos literal e conceitual, marca a diferença de Merleau-Ponty em relação à tradição metafísica, que sempre procurou a expressão direta do ser. Essa, inclusive, é a crítica de Merleau-Ponty à racionalidade: não há visada direta do ser, não há mundo sem imagem, não há sentido sem opacidade e sem silêncio.

Referências

- Descartes, R. (1973). *Meditações Metafísicas*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores).
- Guérin, M. (1995). *O que é uma obra?* Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Merleau-Ponty, M. (1984). *A dúvida de Cézanne*. In: Merleau-Ponty. *Textos escolhidos*. Tradução de Nelson Alfredo Aguilar. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores).
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signes*. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1964). *Le Visible et l'invisible - suivi de notes de travail*. Texte établi par Claude Lefort. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1998). *Notes de cours sur L'origine de la géométrie de Husserl - suivi de Recherches sur la phénoménologie de Merleau-Ponty*. Paris: PUF.
- Merleau-Ponty, M. (1992). *O Visível e o invisível*. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Recebido em 03.06.2024 – Aceito em 26.08.2024

² Cf. *Meditações metafísicas*, II: “*Eu sou, eu existo*: isto é certo; mas por quanto tempo? A saber, por todo o tempo em que eu penso, pois poderia ocorrer que, se deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir.” DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 102.